

Exposição deve reunir peças sacras apreendidas sem identificação de origem

_____ página 03



Mostra no Museu Mineiro irá devolver bens culturais à apreciação do público enquanto buscará desvendar sua verdadeira origem.



PEQUENOS OLHARES
SOBRE O PATRIMÔNIO

Você conhece?



_____ Confira na página 08

Em Belo Horizonte, imóveis projetados por Niemeyer são peças de pura arte a céu aberto

_____ páginas 06 e 07



Centenário, Balneário de Caxambu tem modernidade e muito charme recuperados por restauração completa.

_____ página 05

**Impresso
Especial**

7397091256-DR/MG
IEPHA/MG

...CORREIOS...

Editorial

Bem Informado terá pausa para eleições

No período eleitoral, entre os meses de julho e outubro, o jornal institucional do Iepha/MG, Bem Informado, terá sua publicação suspensa em atendimento à Lei Federal nº 9.504, de 30 de setembro de 1997 e a Resolução TSE nº 23.089, de 1º de julho de 2009, e tendo em vista o disposto na Resolução Conjunta Segov-AGE nº 002, de 03 de maio de 2010.

Agradecemos a compreensão de todos, ressaltando que o Bem Informado, que vem circulando mensalmente desde junho de 2007, é um canal de divulgação das ações que são desenvolvidas em prol da preservação do patrimônio cultural, através de textos objetivos e informações consistentes, que contribuem para valorizar o trabalho daqueles que acreditam na importância da preservação de nossa memória cultural. O jornal tem buscado sensibilizar instituições, agentes culturais, formadores de opinião e as diversas comunidades mineiras para a causa da preservação, conservação e promoção do patrimônio cultural. Assim, tão logo o TRE oficialize o término das eleições, o jornal voltará a ser publicado normalmente.

Fique atento para um dos eventos mais significativos na área cultural em Minas Gerais: a 2ª Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, com ações programadas para o próximo mês de setembro. Com o tema Patrimônio Cultural e Cidadania, a Jornada tem como objetivo fortalecer o reconhecimento do Patrimônio Cultural como parte constituinte de nossa identidade, disseminando o conceito de pertencimento desse patrimônio nos diferentes grupos sociais, bem como as reais possibilidades de sua fruição na vida cotidiana.

Neste número de junho, o jornal apresenta alguns textos que, sem dúvida, vão despertar a atenção de cada um dos leitores. Aqui pontuamos alguns deles:

A Oficina 2010: Desenvolvimento de Metodologias para a Preservação de Monumentos Naturais, realizada nos dias 12 e 13 de maio, foi organizada pelo Núcleo de Gestão Ambiental, formado pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad), a Secretaria de Estado de Cultura (SEC) e o Iepha. Foram abordadas questões teóricas e metodológicas de gestão e legislação comuns à área ambiental e do patrimônio, que contribuirão para a construção de procedimentos visando os trabalhos em parceria com as instituições envolvidas.

Com recursos da Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais – Codemig, foi restaurado o Balneário Hidroterápico do Parque das Águas Lisandro Carneiro, em Caxambu. Além da análise e aprovação dos projetos, o Iepha, através da Diretoria de Conservação e Restauração, fez o acompanhamento das obras que permitiram a sua restauração e adequação aos usos contemporâneos. Sua inauguração no dia 5 de junho, contou com a presença do governador de Minas Gerais, Antônio Augusto Anastasia.

Uma novidade na Praça da Liberdade: o ateliê vitrine para a revitalização da “Fonte dos desejos” e da fonte que abriga a “Moça mirando espelho d’água”. Com duração prevista para 90 dias, a iniciativa, como afirma o diretor Renato César, faz com que a restauração tenha função educativa junto à população, garantindo maior visibilidade ao trabalho e despertando a curiosidade e simpatia do público que por ali passa diariamente.

Uma boa leitura a todos.

Carlos Roberto Noronha
Presidente

NOSSA MISSÃO É GARANTIR À SOCIEDADE A ACESSIBILIDADE E A FRUIÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL, POR MEIO DA PRESERVAÇÃO, VALORIZANDO E RESPEITANDO A DIVERSIDADE CULTURAL DE MINAS GERAIS.

Peças Desaparecidas

A imagem de São Domingos em madeira policromada é da transição entre os séculos 18 e 19 e tem 29 centímetros de altura, 12 centímetros de largura e 10 centímetros de profundidade.

A peça pertencente ao acervo da Matriz de Santana, do Município de Congonhas do Norte, que tem tombamento estadual desde 1985. Foi furtada entre 1987 e 1989.

Informações pelo telefone: (31) 3235-2800 ou pelo faleconosco no site do Iepha/MG.



Divulgação

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Governador: Antônio Augusto Anastasia

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Secretário: Washington Mello

Secretário adjunto: Estevão Fiúza

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

Presidente: Carlos Roberto Noronha

Vice-presidente: Maria Marta Martins de Araújo

Chefe de Gabinete: Mariana Márcia Custódio

Diretor de Conservação e Restauração: Renato César J. de Souza

Diretora de Planejamento, Gestão e Finanças: Mônica S. Grosso Avelino

Diretora de Proteção e Memória: Vera Chacham

Diretor de Promoção: Carlos Henrique Rangel

BEM INFORMADO - INFORMATIVO DO IEPHA/MG

Textos e edição: Beatriz Teixeira de Salles (MG 03802JP)

Textos: Érika Santos (MG 012987JP), Ludymila Toledo (MG 11656JP), Sandra Ribeiro Araújo (MG 4577)

Diagramação: Ludymila Toledo

Fotos: Izabel Chumbinho

Impressão em papel Reciclado 90g/m² - Tiragem: 2.600 exemplares - Periodicidade: mensal

Impressão e acabamento: Rona Editora



Praça da Liberdade, s/nº - 4º andar | CEP: 30140-010 Belo Horizonte - MG

Tel: 31 3235.2800 | Fax: 31 3235.2858 | www.iepha.mg.gov.br

Envie sua sugestão para: jornal@iepha.mg.gov.br

Peças sacras apreendidas voltam aos olhos do público

Minas irá ganhar, em breve, uma exposição muito especial e que pode render bons frutos para o patrimônio. Dezenas de peças sacras apreendidas a partir de denúncias e da ação do Ministério Público e das polícias Civil, Militar e Federal devem compor a mostra no Museu Mineiro. De diferentes períodos históricos, materiais e tamanhos, todas elas têm em comum o fato de estarem há muito tempo guardadas em depósitos enquanto sua verdadeira origem permanece desconhecida. O projeto é fruto de parceria entre o lepha, a Superintendência Estadual de Museus e o Ministério Público Estadual.



A identificação das peças pelos proprietários ou comunidades de onde foram subtraídas para devolução é, segundo o coordenador da Promotoria de Defesa do Patrimônio Histórico, Cultural e Turístico de Minas Gerais, Marcos Paulo de Miranda, apenas um dos objetivos da exposição. “O nosso intuito em expor as peças à visitação pública é realizar uma ação de educação patrimonial que despertará na comunidade em geral a importância de se adotar medidas preventivas à criminalidade que atinge o patrimônio cultural mineiro”, explica o promotor.

Um total de 417 bens recuperados sem procedência encontram-se sob a guarda do lepha e da Polícia Civil. Desde 1996, 1638 peças foram apreendidas para investigação em todo o estado. Dentre as que permaneceram retidas, 216 peças ficaram sob a guarda do lepha, sendo que destas apenas 26% (58 peças) puderam ter origem comprovada e foram restituídas à comunidade. Além das 158 peças que continuam sob a guarda do Instituto, outras 259 peças apreendidas ainda encontram-se sob a guarda da Polícia Civil até que sua origem possa ser verificada. Atualmente, 469 peças estão declaradas desaparecidas em Minas.

A gerente de Identificação do lepha, Angela Dolabela, explica que o órgão acompanha as apreensões e realiza uma análise técnica das peças, avaliando e registrando características, material, iconografia e provável datação, buscando identificar se a peça pode ser um bem cultural histórico. Além disso, as peças são comparadas com bancos de dados de bens reportados como desaparecidos.

Técnicos do lepha fazem fichas cadastrais dos bens apreendidos, com descrição e foto, e todo o material é então enviado em formato digital para o Ministério Público Estadual, Interpol, Iphan, Arquidiocese e órgãos estaduais de patrimônio.

“O trabalho é todo muito articulado, em todas as etapas, e depende diretamente destas parcerias com outros órgãos. Até por isso o nome *Programa de Apoio à Identificação*”, explica Angela Dolabela. Ela ainda destaca a atuação da mídia como importante aliada, uma vez que confere visibilidade ao tema, circula informações e retransmite as imagens das peças até os lugares e comunidades mais distantes.

Online para consulta

As fichas cadastrais das peças apreendidas também são disponibilizadas para consulta pública no site do lepha, assim como a lista de bens culturais desaparecidos. Para a gerente de identificação, soma-se à imprensa, o amplo acesso promovido pela internet, permitindo alcançar não só as comunidades que tiveram bens subtraídos, mas também colecionadores e o mercado de arte, que pode consultar bancos de dados antes de comprar ou vender bens culturais.

Retornar os bens apreendidos à sua comunidade é algo muito difícil porque nem sempre se consegue identificar as peças e comprovar sua origem. Muitas vezes não há inventário e nem existem fotos ou documentos das peças relatadas como desaparecidas. Por vezes, a comunidade sequer chega a comunicar o desaparecimento de uma peça. Para tentar facilitar o trabalho, no site do lepha estão publicadas uma série de orientações de vigilância para que a comunidade possa proteger seu acervo. Uma das mais importantes dicas é fotografar todos os bens móveis ou integrados de seu patrimônio. “O ideal seria que as comunidades fizessem um cadastro simples, nem que fosse só com nome, foto,

localização e, se possível, medidas dos bens que possuem. Isso facilitaria a divulgação em caso de desaparecimento e sua volta para casa quando apreendidos. E no caso de peças já desaparecidas, orientamos a comunidade para buscar fotos em que apareçam em álbuns de casamentos e batizados, por exemplo”, aconselha Angela Dolabela.



▲ Sob a guarda do lepha, 158 peças apreendidas encontram-se em depósito do Museu Mineiro.

Iepha leva ateliê vitrine à Praça da Liberdade

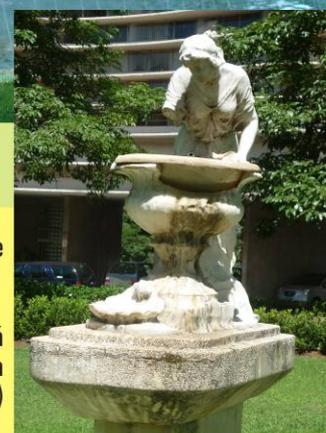
Está tudo pronto para o início da revitalização de dois dos ícones mais importantes da Praça da Liberdade; a “Fonte dos desejos” (mais conhecida como “Fonte das Três Graças”) e a fonte que abriga a “Moça mirando espelho d’água” – ambas esculpidas em mármore. Com duração prevista para 90 dias, o restauro, que inclui um trabalho especializado de limpeza e conservação, terá um custo de R\$ 34.728,00 e será executado por uma empresa contratada pelo Iepha.

O trabalho seguirá o formato de ateliê vitrine, conceito implantado no Iepha há cerca de um ano e que, desde então, tem sido marca constante nos trabalhos de restauração comandados pelo instituto. Esta será, no entanto, a primeira vez em que a proposta será levada a céu aberto, em plena via pública.

Para o diretor de Conservação e Restauração, Renato César, a iniciativa faz com que o restauro tenha função educativa junto à população, garantindo maior visibilidade ao trabalho e despertando a curiosidade e simpatia do público que por ali passa diariamente.



Fonte das Três Graças (acima) e Moça mirando espelho d’água (dir) serão restauradas em Ateliê Vitrine na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte



“Ao longo dos anos, a Praça da Liberdade tem sido desfrutada pela população para os mais diversos fins, e muitas vezes as pessoas não detêm o olhar sobre estas peças ou mesmo sobre seu estado de conservação. Queremos chamar a atenção do público e criar a oportunidade para que aprendam mais sobre a conservação de bens culturais”, explica. A céu aberto, a ideia é abrir mão de tapumes em torno

das fontes e buscar maior envolvimento e interação com o público.

A “Moça mirando espelho d’água” passará ainda por reintegração de elementos, uma vez que o braço da estátua (foto no detalhe) se soltou há algum tempo.

Oficina mescla meio ambiente e cultura

Durante os dias 12 e 13 de maio, aconteceu a oficina “Desenvolvimento de Metodologia de Preservação de Monumentos Naturais” – uma ação do Núcleo de Gestão Ambiental, formado pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad), a Secretaria de Estado de Cultura (SEC) e o Iepha. A oficina contou com a participação, além dos técnicos das instituições envolvidas, de ONGs interessadas na preservação de patrimônios naturais em Minas Gerais.

No encontro foram abordadas questões teóricas e metodológicas de gestão e legislação comuns à área ambiental e do patrimônio cultural. Segundo Júlio de Miranda Mourão, da Gerência de Patrimônio Material do Iepha, o resultado das discussões subsidiará a elaboração de um caderno técnico de referência à atuação institucional. “O caderno deve conter conceitos, critérios, diretrizes e orientações comuns às áreas de meio ambiente e patrimônio cultural”, revela.

Entre os tópicos debatidos está a criação de um glossário de termos técnicos para que haja um nivelamento de conceitos. Para isso, deverá ser feito um levantamento da legislação pertinente e de documentos técnicos. Também serão identificados parâmetros, atributos e indicadores adotados pelo setor de meio ambiente, que possam ser também adotados para a proteção de bens culturais.

De acordo com o documento final do encontro, a integração entre os setores de meio ambiente e cultura sempre existiu, uma vez que meio ambiente abrange os patrimônios naturais e culturais. A tendência, portanto, seria aperfeiçoar cada vez mais as ações por meio da união de conceitos e instrumentos de proteção e conservação, que guardam as suas diferenças e semelhanças em função das atribuições institucionais e dos objetos de preservação.

Centenário, Balneário de Caxambu é reinaugurado com ares de modernidade

Após 11 anos de tombamento e perto de completar 100 de história, o Balneário Hidroterápico do Parque das Águas Lisandro Carneiro, em Caxambu, sul de Minas, foi reaberto à população depois de três anos fechado para obras. O lepha aprovou o projeto de restauração em 2006 e as obras começaram em março de 2007. O Instituto também foi responsável por todo o acompanhamento técnico dos trabalhos realizados por uma empresa especializada. Incluindo as obras de engenharia, restauração, paisagismo e o novo mobiliário, o investimento total foi de R\$ 7,5 milhões, recursos da Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais (Codemig).

Projetado pelo arquiteto Alfredo Burnier, o Balneário passou por uma reforma completa e um cuidadoso restauro de todo o seu patrimônio arquitetônico. "O trabalho ficou excelente, tudo que o lepha solicitou, em termos de restauração, foi acolhido pela Prefeitura do município e pela Codemig. As obras, inclusive, permitem agora a acessibilidade de cadeirantes", analisa Miguel Capobianco, arquiteto da Diretoria de Conservação e Restauração do lepha.

As obras de engenharia incluíram a troca do sistema elétrico e de iluminação, novos equipamentos hidrossanitários, caldeiraria e de telefonia, drenagem pluvial, reforma da subestação e um sistema de adução e armazenamento de águas minerais para atender ao balneário. As saunas e as duchas foram projetadas com o que há de mais moderno nesse setor. Dezesesseis novas banheiras de hidroterapia foram instaladas, com programação de tratamentos, jatos, sistema de aquecimento e iluminação multicolor. E o ineditismo fica por conta de um charmoso spa instalado no local, com piscina com acessibilidade a portadores de necessidades especiais e outros recursos.

Na edificação central do Balneário, os serviços compreenderam a revitalização das pinturas interna e externa e recuperação de toda a sua vidraçaria e ferragens. A intervenção incluiu a cobertura metálica da torre do relógio, os vitrais, a escadaria de mármore de Carrara, as clara-boias e ainda a decoração interna do hall principal. Foram recuperados os azulejos, pisos, escadas de ferro batido e vidros aramados.



| Inventário

Antes da inauguração, uma equipe da Diretoria de Proteção e Memória do lepha esteve no Balneário para realizar um inventário de todos os elementos móveis e integrados (vitrais, fontes, saunas, duchas, o relógio da torre e o Cristo localizado no Morro do Caxambu). A ação integra o Programa de Inventário dos Bens Tombados pelo Estado.

A equipe também esteve com o proprietário do Palace Caxambu, José Perez Gonzalez, que possui uma grande coleção de postais do século passado. Segundo Luis Gustavo Molinari, analista de gestão, proteção e restauro do lepha, a coleção de postais servirá de referência para pesquisas futuras, pois retrata a evolução do Balneário.

Aproveitando a viagem, a equipe fez ainda o inventário da tradicional festa de Folia de Reis, que acontece em janeiro no bairro Caxambu Velho, e dos elementos móveis e integrados da Igreja Santa Izabel da Hungria.

| De portas abertas

Durante a solenidade de reinauguração do Balneário (foto), o governador Antônio Augusto Anastasia, destacou o bem como símbolo da tradição e da riqueza de Minas. "Este é um momento especial. Há alguns anos, o Governo do Estado se empenha firmemente em restaurar este prédio centenário. E a importância disso está no valor dessas águas, do tratamento com a hidroterapia e com a cromoterapia, e no valor da água mineral de Caxambu e sua instância balneária. Não há obra mais bonita em termos históricos e de balneário do que esta. É algo, de fato, digno de encantamento", declarou o governador.

Caxambu integra a Associação do Circuito Turístico das Águas, certificada pela Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais. Localizada num vale da Serra da Mantiqueira, a cidade de Caxambu concentra o maior complexo hidromineral do mundo. É da água que vem a história da cidade. São 12 fontes de água mineral de alto poder diurético e desintoxicante, todas com propriedades químicas diferentes.





ENTREVISTA

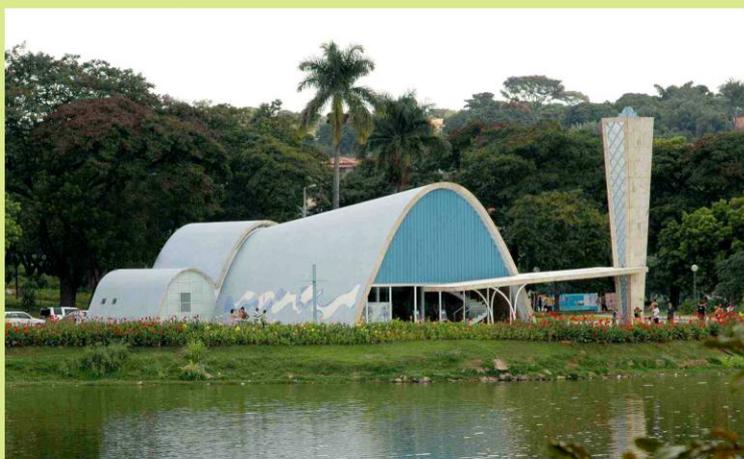
Preciosidades de Niemeyer embelezam paisagem urbana em BH

Belo Horizonte pode ser considerada privilegiada quando o assunto é arquitetura moderna. Desde a década de 40 do século passado, a cidade exibe em sua paisagem obras daquele que é considerado um dos maiores arquitetos do mundo: o brasileiro Oscar Niemeyer. Desde o Conjunto da Pampulha (tombado pelo Iphan em 1984), projetado a pedido do então prefeito de BH Juscelino Kubitschek e construído entre 1942 e 1944, até a Cidade Administrativa Presidente Tancredo Neves, inaugurada em março, a marca da arquitetura ousada de Niemeyer se faz presente.

O próprio Oscar Niemeyer reconhece as obras que criou na Pampulha como

norteadoras de sua linguagem arquitetônica. “Com a Pampulha, o vocabulário plástico da minha arquitetura, num jogo inesperado de retas e curvas, começou a se definir”, já declarou o arquiteto.

O Conjunto da Pampulha nasceu pela vontade do então prefeito JK de desenvolver uma área da região norte de Belo Horizonte. Ele encomendou ao jovem arquiteto Niemeyer um conjunto de edifícios para o entorno do lago artificial da Pampulha: um cassino, uma igreja, uma casa de baile, um clube e um hotel. À exceção do hotel, o conjunto se concretizou com inauguração nos primeiros anos da década de 40 passada.



Igreja São Francisco de Assis - O projeto, de linhas sinuosas, é considerado um marco da arquitetura moderna brasileira. Ali Niemeyer experimentou a plasticidade do concreto, criando uma abóbada até então só utilizada em hangares. Decorando a fachada há um painel de azulejos, de Cândido Portinari e, nas laterais, fazendo parte do telhado, há painéis de pastilhas, abstratos, do artista Paulo Werneck. Os jardins foram projetados por Burle Marx. Uma curiosidade: as autoridades eclesásticas não permitiram, durante anos, a consagração da Igreja, por causa de sua aparência pouco usual, e também pelo mural pintado por Portinari, onde se reconhecia um cachorro, representando um lobo junto a São Francisco.



Cassino (Museu de Arte da Pampulha) – Foi o primeiro edifício do Conjunto da Pampulha a ser construído. Em sua concepção nota-se a influência de Le Corbusier, principalmente na fachada, em travertino e vidro. Nos jardins de Burle Marx, há esculturas de Alfredo Ceschiatti, Zamoyski e José Pedrosa. O cassino funcionou até abril de 1946, quando o então presidente Dutra proibiu o jogo no Brasil. Em 1957, passou a funcionar como Museu de Arte.

“Não me sinto importante. Arquitetura é meu jeito de expressar meus ideais: ser simples, criar um mundo igualitário para todos, olhar as pessoas com otimismo. Eu não quero nada além da felicidade geral”.

(Oscar Niemeyer)

Casa do Baile

Inaugurada em 1943, acabou desativada em 1948. A construção está localizada em uma ilha artificial, acessada por uma ponte de onze metros. A Casa do Baile se destaca na paisagem da Pampulha pelas formas da fachada e marquise sinuosa.



Clube Tênis

Construído em 1942, a arquitetura do Clube Tênis remete a um barco que se lança nas águas da Pampulha. Os jardins são de Burle Marx.



Edifício Niemeyer

O arquiteto explorou curvas sinuosas que remetem às montanhas de Minas na edificação que foi construída em 1954-55. Outra característica é o ilusionismo que faz com que o prédio de oito andares, localizado na Praça da Liberdade, pareça ser bem mais alto.



Edifício JK

Localizado no bairro Santo Agostinho, foi projetado por Niemeyer em 1952. Constituído por dois blocos, o complexo conta com um edifício de 23 andares, e outro, de 36 andares. No projeto original, uma passarela ligaria os dois prédios pelo 5º andar, obra que foi embargada pela Secretaria de Obras da Prefeitura de BH na época. A proposta inicial era de que abrigasse um museu de arte moderna, repartições públicas e residências, além de comércio e serviços. Hoje, o prédio tem mais de mil unidades residenciais.

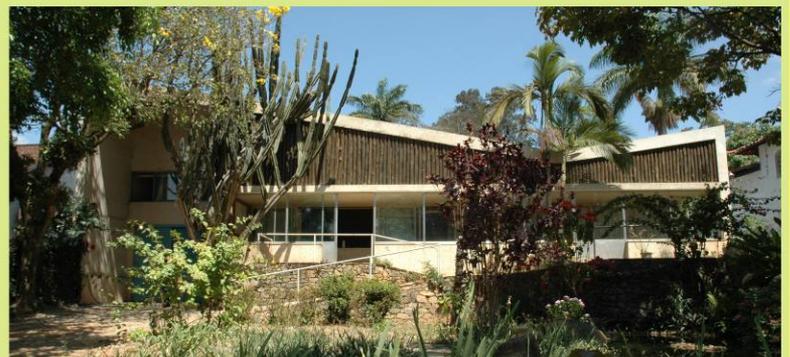


Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa – Em 1954, Niemeyer projetou, também sob encomenda de Juscelino, a Biblioteca Pública, localizada na Praça da Liberdade, que foi inaugurada em 1961.



Escola Estadual Governador Milton Campos – Mais conhecida como Colégio Estadual Central, a construção também tem assinatura de Niemeyer. Inaugurado em 1956, o prédio, cuja forma remete a uma régua T, se destaca pelo teatro em formato de mata-borrão.

Casa JK – Juntamente com o Conjunto da Pampulha, JK encomendou a Niemeyer uma casa para ser sua residência de campo. Sua concepção visava a servir de modelo arquitetônico para a região, com uma casa principal e uma menor aos fundos, que servia de escritório. Extremamente moderna para a época, possui dois painéis: um de Alfredo Volpi e outro de Paulo Werneck. A estrutura da edificação, característica dos anos 50 no Brasil, segue o mesmo estilo do late Tênis Clube, com cobertura em asa de borboleta.



Leo Drummond - Imprensa MG

Cidade Administrativa Presidente Tancredo Neves

Curvas, concreto armado e o maior prédio suspenso do mundo. A Cidade Administrativa é considerada um dos projetos mais ousados de Niemeyer. A obra, idealizada pelo então governador Aécio Neves, abriga instituições do Estado e foi inaugurada em março de 2010. O conjunto abriga cinco edificações. O Palácio Tiradentes, sede do governo, é totalmente suspenso por cabos de aço, formando um vão livre de 147 metros. As secretarias ocupam dois prédios idênticos, em curva, com 15 andares cada um e há um centro de convivência em formato redondo.

PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

Edifício Acaiaca

O pequeno olhar é uma das duas efígies de índios (rostos) que ornamentam a fachada do Edifício Acaiaca, localizado no centro de Belo Horizonte. O edifício de 29 andares possui três fachadas: uma para a Avenida Afonso Pena, outra para a Rua Rio de Janeiro e mais uma para a Rua Tamóios.

O imponente edifício foi projetado e construído pelo arquiteto Luiz Pinto Coelho em parceria com Emílio Baumgart. Luiz Coelho também foi responsável pelas esculturas indígenas nas arestas da fachada do prédio. O projeto foi aprovado em 1943 e a obra foi realizada em várias etapas, sendo finalmente concluída em 1947.

Com características do estilo Art déco, a edificação é um ícone da ousadia arquitetônica da década de 40, época em que a cidade começa a se verticalizar e momento em que foi planejada a Pampulha.

Uma das exigências da época da construção era que o condomínio tivesse um abrigo antiaéreo, por causa da segunda grande guerra 1940/45. Hoje, a área é usada como porão de descarga de materiais. Segundo a administração, a laje do abrigo é forte o bastante para suportar o peso do edifício, caso ele desabe.

Além de clínicas médicas e odontológicas, lojas e salas de advocacias, o Acaiaca também abrigou vários aparelhos culturais da capital mineira. Nas décadas de 50 e 60, a TV Itacolomi ocupava o 23º e 24º andar, transmitindo diversos programas de auditório direto de seus estúdios. A Boate Acaiaca foi palco de encontro de políticos e personalidades da época. Por fim, vale lembrar o Cine Acaiaca, com 900 lugares. Um dos mais modernos cinemas de sua época, foi desativado em 1998 e no local funciona atualmente uma Igreja Evangélica.



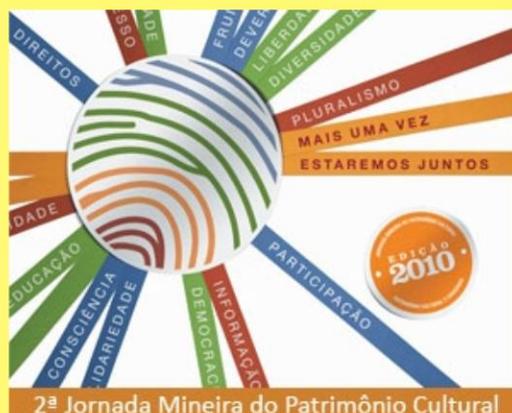
BLOCO DE NOTAS

Jornada do Patrimônio é atrativo turístico

A campanha de adesão para a 2ª Jornada Mineira do Patrimônio Cultural inspirou-se nas célebres fitas de Nosso Senhor do Bonfim para sensibilizar agentes públicos, escolas, associações e população em geral para a execução simultânea de ações de preservação do patrimônio em setembro, mês consagrado à Jornada. Os interessados em participar têm até o dia 22 de junho para fazer a inscrição no site www.jornada.mg.gov.br.

Vale lembrar que, no ano passado, a primeira edição da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, coordenada pelo Iepha, foi um grande sucesso, com

cerca de 1.500 ações de preservação disseminadas por praticamente todo o território mineiro. A iniciativa teve grande repercussão estadual, nacional e até mesmo internacional, em função de ter recebido a chancela do Ano da França no Brasil.



Pontuação provisória do ICMS será divulgada no site

A partir de 20/06 estará disponível no site do Iepha a pontuação provisória dos municípios mineiros no ICMS Patrimônio Cultural – Exercício 2011. As fichas com as avaliações também serão encaminhadas para os municípios, que têm um prazo de 10 dias – contando da data de publicação no site – para recorrer do resultado. Para tanto, precisam encaminhar um ofício para o IEPHA/MG – ICMS Patrimônio Cultural no endereço: Praça da Liberdade s/nº (Edifício SETOP) – 4º andar, Funcionários – Belo Horizonte/MG. CEP 30140-010.

Criada pelo governo de Minas em 1996, a lei do ICMS Cultural é uma ação pioneira em todo o país e serve como incentivo para que os municípios adotem ações para proteção e preservação do patrimônio cultural. Os valores do repasse, estimados por ponto, garantem ao município uma verba extra. Para o exercício 2011, 698 municípios apresentaram a documentação que dá origem à pontuação. Isso representa mais de 80% das cidades mineiras.

Os prazos para entrega da documentação, para liberação da pontuação provisória e da definitiva foram alterados, de acordo com a Deliberação Normativa 01/2009 (disponível em www.iepha.mg.gov.br), em relação a anos anteriores, passando para 15/01, 20/06 e 20/07 respectivamente.

Patrimônio é destaque em Cristiano Otoni

“Quem somos? De onde viemos? Qual a nossa história e o que teremos para contar?”. E a partir de inquietações como estas que o município de Cristiano Otoni está empenhando esforços na recuperação de sua história e valorização de sua identidade. E o que não falta por lá são ações de resgate cultural de seu patrimônio material e imaterial. A cidade, cuja identidade fez-se intimamente ligada à memória de uma ferrovia que já não passa mais pela cidade, conta ainda, em sua origem, com o peso de um distrito com mais de 300 anos de história. Foi a partir de São Caetano que a cidade surgiu, e é lá que fica a Capela de São Caetano que, acredita-se, possa ser a segunda mais antiga do estado.

“Tanta história não poderia se perder no tempo. Precisávamos registrá-la para as gerações futuras e, acima de tudo, precisávamos fazer com que a comunidade conseguisse, hoje, enxergar o valor de seu patrimônio e se reconhecer em sua história”, explica o gestor do Departamento Municipal de Cultura, Esporte, Lazer, Turismo e Patrimônio, Robinson de Castro.

Verbas do Fundo Estadual de Cultura (FEC) no valor de R\$ 30 mil garantiram a continuidade e aprofundamento de um trabalho de pesquisa e resgate da cultura imaterial do município. No antigo distrito de São Caetano, personagens, histórias, costumes e festas religiosas estão sendo documentadas para que não se percam no tempo.

Pesquisadores também fizeram um levantamento da memória ferroviária do município, conversando com moradores, fazendo vídeos, conhecendo histórias. Estes “causos” renderam frutos, como uma comédia teatral montada a partir da adaptação dos relatos colhidos sobre curiosos acontecimentos de tempos passados. Também está prevista a publicação de jornais com a história dos moradores e textos diversos sobre patrimônio, tombamento e políticas de preservação cultural em geral.

Além disso, ainda foi feito um mapeamento dos equipamentos culturais importantes, como a Estação Ferroviária, a Casa da Dona Mulata e os casarios relacionados à construção ferroviária da cidade, no chamado Eixo da Memória e da História de Cristiano Otoni.

| Restauração

Outros R\$ 100 mil reais provenientes do FEC – somados a R\$ 25 mil da Prefeitura – também estão garantindo a restauração da Estação Ferroviária. As obras começaram no final do último ano e devem ser concluídas até agosto. Pronta, a antiga estação irá abrigar a Secretaria Municipal de Cultura, com espaço cultural para exposições, mostra artesanal e encontros diversos.

Graças ao empenho com o patrimônio, Cristiano Otoni foi incluída no Programa de Aceleração do Crescimento das Cidades Históricas, política federal para a qual o município já desenvolveu projetos para todos os seus equipamentos culturais, com foco especial no eixo histórico da ferrovia e no núcleo histórico do distrito de São Caetano. Para isso, o município pleiteia verbas federais de cerca de R\$ 2,5 milhões, que garantiriam



Capela de São Caetano, tombada no ano passado, tem mais de 300 anos.

Fotos: Acervo Prefeitura Municipal de Cristiano Otoni

vários projetos de restauro, como a recuperação da Capela de São Caetano e seu adro, além das fachadas de parte do casario do povoado.

Segundo Robinson de Castro, o desafio destes e de outros projetos pensados para quase todos os equipamentos culturais do município é fazer com que se tornem atrativos turísticos e espaços sustentáveis para que a comunidade possa tirar proveitos econômicos de seu patrimônio. Bom exemplo é a proposta de restauro da Casa da Dona Mulata (uma antiga pensão onde as pessoas ligadas à ferrovia se alimentavam e se hospedavam), que seria então transformada em um espaço museológico, de leitura e café cultural. “Doceiras da região também poderão usufruir do local, expondo e vendendo seus produtos, como uma forma de gerar emprego e renda para a população”, explica o gestor.

| Lenda

Enquanto aguarda a liberação de recursos para tantos projetos, dentro de suas possibilidades o município acaba de restaurar duas imagens sacras. A primeira delas, de São Caetano, foi recuperada em trabalho aberto, realizado na própria comunidade. A ação, que integrou a Jornada Mineira do Patrimônio Cultural em 2009, possibilitou aos moradores conhecer o trabalho de restauração de elementos artísticos, valorizando sua preservação. Com mais de três séculos de história, a imagem é personagem de uma curiosa lenda local, passada de pai para filho. Segundo contam, a peça pertencia a um grande fazendeiro, que vivia em conflito com sua esposa por conta de sua fervorosa devoção. Assim, sempre que brigavam, ele mandava que os escravos levassem a imagem para o alto de um morro e a abandonassem por lá. Entretanto, no dia seguinte, o Santo estava sempre de volta à fazenda. Alguns anos depois, foi construída no morro a Capela em torno da qual cresceu o povoado de São Caetano.

A outra imagem restaurada é o Santo Antônio, padroeiro da cidade, que ficou pronta a tempo para as comemorações da Festa do Padroeiro, celebrada de 3 a 13 de junho. A tradicional festa, que está em processo de registro como bem imaterial de Cristiano Otoni, contou com a

apresentação da Sociedade Musical Barão do Rio Branco. Patrimônio imaterial registrado no último ano, a banda completa 100 anos em março.

Em 2009, Cristiano Otoni também concluiu o tombamento municipal da Capela de São Caetano e do Núcleo Histórico do distrito. A cidade, que já contava com um núcleo urbano tombado, prepara agora estudos para o tombamento de outro conjunto urbanístico e o registro do bloco carnavalesco Rasgado de Mé.



A Estação Ferroviária de Cristiano Otoni antes do restauro (esq), e como deve ficar quando pronta, segundo projeto (dir).

Fazenda Boa Esperança - Casa de Engenho: sustentabilidade e patrimônio

*Juliana Faria, Laura Lage, Daniele Gomes e Patrícia Rodrigues



Acervo Iepha/MG

↑ Casa de engenho da Fazenda Boa Esperança, em Belo Vale

A Fazenda Boa Esperança é um expressivo exemplar da arquitetura rural mineira datada de fins do século XVIII. A propriedade rural setecentista é um conjunto arquitetônico que se constitui pela casa sede, casa de engenho e estruturas de apoio cercadas por muro de pedra que delimitam a área de jardim adjacente.

Em 2008, o Iepha/MG propôs a elaboração de um projeto de restauração arquitetônica e agenciamento da área externa da fazenda. A primeira etapa de execução desse projeto esteve restrita à restauração da cobertura da Casa de Engenho, sendo assim o presente estudo se restringirá a análise dessa intervenção.

A casa de engenho é uma edificação de partido arquitetônico retangular e volumetria simples, que abrigava um engenho movimentado por água. A edificação é constituída por paredes estruturais de alvenaria de pedra e uma cobertura com engradamento constituído por uma sequência de quatro tesouras utilizando seções e distanciamento de padrão comercial, que não condizem com os vãos a serem vencidos e com os esforços submetidos. Na restauração de 1970, não foi mantida qualquer referência do telhado original.

A partir de um diagnóstico realizado em 2009, foram definidas diretrizes de intervenção para a Casa de Engenho. A proposta almejava o funcionamento e a redução da manutenção, assim como a aplicação dos conceitos de restauração da integração, autenticidade, reversibilidade e qualificação. Esses critérios condiziam com o termo de referência, que determinava que a cobertura existente deveria ser descartada em

detrimento de uma nova estrutura que seguisse o modelo e o padrão dos sistemas construtivos da sede. Além disso, determinou-se a utilização da madeira laminada colada como material componente da estrutura do telhado, sendo essa escolha pautada nos fatores de inovação tecnológica e sustentabilidade, com fins de que essa seria uma experiência piloto no emprego deste tipo de material em obras de restauração.

Deste modo, o artigo teve como objetivo comparar qualitativamente materiais que poderiam ser adotados como solução técnica da intervenção e suas possíveis implicações na abordagem da sustentabilidade, o que inclui suas correlações sociais, econômicas e ambientais. Sob o aspecto técnico, os grandes vãos a serem vencidos e os padrões da cobertura do edifício sede da fazenda limitaram a escolha dos materiais ao das estruturas metálicas, de concreto, madeira de seção comercial, pau roliço e a madeira laminada colada. Porém os dois primeiros foram excluídos das alternativas de projeto devido aos aspectos da restauração. Já a madeira de seção comercial poderia ser uma solução, porém seriam necessárias adaptações que não contemplariam as referências do telhado da sede. Assim os materiais que poderiam ser utilizados seriam a madeira laminada colada e o pau roliço, materiais alvo dessa análise. É também prudente ressaltar que, por se tratar de um bem tombado, foi fundamental que este estudo se pautasse nos conceitos da teoria da restauração que possui pontos de convergência com a sustentabilidade.

Dentre os critérios de sustentabilidade na escolha de materiais na construção civil foram analisados os aspectos: disponibilidade de fornecedor; localização do fornecedor; mão de obra; custo; tempo de execução; seção das peças; reutilização de peças; consumo desse material ao longo da vida útil da edificação; manutenção da estrutura; custo de manutenção; a fim de comparar as vertentes sociais e econômicas da sustentabilidade no emprego destes dois tipos de material, excluindo-se, assim, os fatores relativos às condicionantes ambientais.

Já os critérios relativos à restauração basearam-se na teoria de Cesare Brandi, onde para se tomar uma decisão frente a um objeto, deve-se partir do princípio de seu reconhecimento ou não como obra de arte. A dialética do restauro, ou seja, o equilíbrio entre a instância histórica (produto humano realizado em certo tempo e lugar e que em certo tempo e lugar se encontra) e a instância estética (a artisticidade pela qual a obra de arte é obra de arte), deverá fixar o ponto do que pode ser o restabelecimento da unidade potencial da obra, sem que se venha a completar um falso histórico ou a perpetrar-se uma ofensa estética.

A partir destas análises, concluiu-se que não existem materiais sustentáveis, mas a correta seleção de fornecedores e materiais. O importante é mensurar corretamente os custos e os benefícios de cada material, e a partir disso avaliar quais sistemas construtivos são mais coerentes com os critérios de sustentabilidade, pela gestão de materiais.

Apesar da pioneira e válida preocupação do IEPHA/MG de inserir o conceito da sustentabilidade em suas ações de conservação, estas precisam ser embasadas, de modo que sejam feitas análises técnicas, econômicas e sociais de todas as propostas, já que este é um tema de alta complexidade e que ainda precisa ser mais bem estudado, principalmente no âmbito da construção civil e no que concerne às intervenções em bens de interesse histórico e culturais.

Serra da Piedade - Caeté / Sabará

A fé, a busca pela paz espiritual e muitas belezas naturais são alguns dos motivos que atraem milhares de turistas todos os anos à Serra da Piedade, localizada no município de Caeté, divisa com Sabará. Considerada uma das mais altas elevações do maciço da Serra do Espinhaço; do alto dos seus 1.746 metros podemos avistar parte das cidades de Belo Horizonte, Caeté, Raposos, Sabará e Lagoa Santa.

Fazem parte do conjunto paisagístico da Serra da Piedade monumentos naturais e edificações humanas, inseridas em um grande platô no alto da serra. Para chegar ao topo, é preciso iniciar o percurso pela rodovia BR381, onde um cruzeiro marca a entrada do Santuário. O caminho é marcado por painéis de azulejos com representações da Via Sacra.

A vocação mística atribuída à Serra vem da lenda da menina muda de nascença que, avistando no alto da Serra da Piedade a figura da Virgem com Jesus nos braços, começou a falar, contando o ocorrido. A Santa apareceu várias vezes para a menina, que ficou curada. Esta lenda conquistou o português Antônio Bracarena que, em 1767, decidiu construir uma capela em homenagem à Nossa Senhora bem no alto da Serra da Piedade, entre penhascos, rochedos e uma vegetação bastante típica de montanha.

O Santuário apresenta planta simples, com nave única e capela mor. Em seu interior, a ornamentação e equipamentos também são simplificados, fato muito comum em igrejas de peregrinação. No interior da construção, o retábulo em estilo rococó guarda a belíssima imagem da padroeira de Minas Gerais, Nossa Senhora da Piedade, esculpida no século 18 e atribuída ao Mestre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Os cômodos laterais da Igreja de Nossa Senhora da Piedade apresentam painéis em azulejos com pintura do artista Gianfranco Ceni. O convento acopla-se a fachada dos fundos da Igreja, formando um só volume.

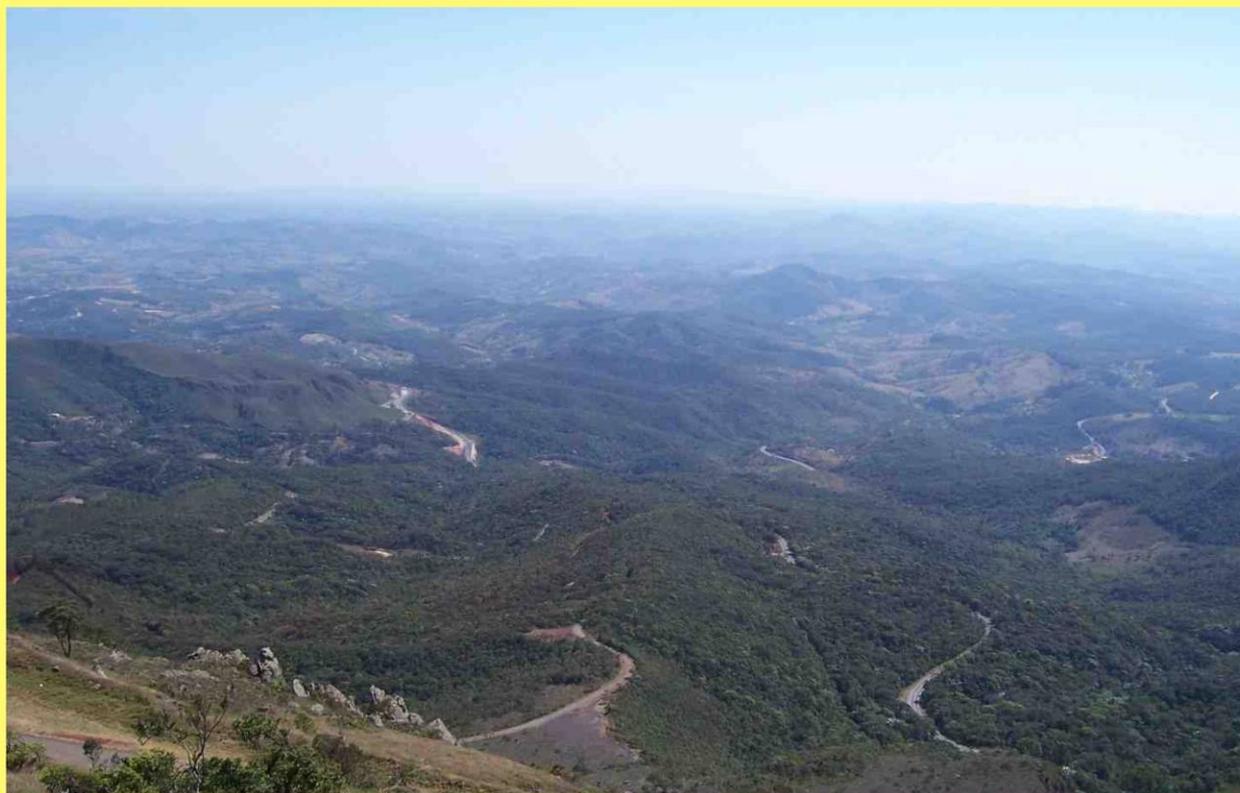
No início do século 19, o Padre Gonçalves Pereira, vigário de Roças Novas, resolve tomar conta do templo. Nos finais de semana, acompanhado por escravos, sobe até o topo para meditar. Estes rituais e a sua devoção duram cinquenta anos, passando a atrair multidões de devotos. Por meio de concessão do Papa Pio IX, em fevereiro de 1876 é concedida licença para a criação de um jubileu anual, no mês de agosto, definindo-se o período de 15 a 22 de agosto como o momento oficial da romaria.

Em 1958, a imagem de Nossa Senhora da Piedade é proclamada Padroeira do Estado pelo Papa João XXIII, sendo posteriormente realizadas as solenidades da consagração no mês de julho de 1960. O cinquentenário da proclamação oficial de Nossa Senhora da Piedade como Padroeira do Estado acontece agora em 2010. Para o jubileu de ouro, são esperados milhares de visitantes de todas as partes de Minas e do Brasil, como uma das maiores festas religiosas de toda a região.

| Proteção

Além do Santuário de Nossa Senhora da Piedade, também fazem parte do conjunto arquitetônico da Serra: a Casa dos Romeiros, (projeto de Ivo Porto de Menezes), a Igreja Abrigo da Serra da Piedade (idealizada pelo arquiteto Alcides Rocha Miranda), o edifício astronômico da UFMG (Observatório Astronômico Frei Rosário, um dos maiores da América Latina) e as instalações de controle aéreo do CINDACTA, além de caminhos, praças, adros e espaços para contemplação e orações.

O tombamento da Serra da Piedade pelo Iepha foi realizado em junho de 2004 e definiu as atividades que podem ser exercidas na região e as medidas de preservação paisagística, cultural e ambiental que devem ser adotadas. No caso da exploração mineral, a área degradada terá que ser reconstituída pela empresa exploradora, como está previsto no artigo 225 da Constituição Federal.



Acervo Iepha/UMG

A Serra da Piedade ainda encontra-se protegida pelo disposto no art. 84 Parágrafo 1º DO ADCT da Constituição Estadual, pelo artigo 202 da Lei Orgânica do Município de Caeté, pela Lei Estadual nº 1.174, de 18 de maio de 2004 e o seu Conjunto Arquitetônico e Paisagístico foi tombado pelo IPHAN conforme Processo: 526-T-55. Assim sendo, não resta dúvida que a referida Serra possui valor natural, histórico, cultural e religioso inegável, justificando assim o título de Patrimônio Cultural Brasileiro nos termos do artigo 216 da Constituição Federal.

* Referência: Dossiê de Tombamento do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Serra da Piedade-Caeté/Sabará.

A alegoria da agricultura na casa do Iepha

A alegoria, recurso retórico que traz outro significado ao que é literal, não se restringe ao texto escrito, sendo observada em todos os códigos visuais, incluindo a pintura e a escultura. Um exemplo, localizado por João Adolfo Hansen na poesia latina de Horácio (e de grande apelo visual), mostra um navio atravessando um mar tempestuoso. Seu sentido alegórico representa a guerra civil que ameaça o estado romano.

No prédio atualmente ocupado pelo Iepha, inaugurado em 1897 para abrigar a Secretaria da Agricultura (depois destinado à Viação e Obras Públicas), uma restauração em 2005 recuperou um afresco, bastante característico da decoração dos prédios pioneiros da praça da Liberdade. Trata-se da alegoria da agricultura, tão importante naquele final de século para Minas Gerais, base, em associação com a pecuária, da economia do estado, em substituição à antiga mineração.

Emoldurada com um formato de janela terminada por uma balaustrada verdadeira, a pintura, no nível do segundo piso da escadaria central, tem como foco um busto feminino destacando-se de um conjunto de elementos ornamentais em fundo verde.

O efeito de "*trompe l'oeil*", obtido com o uso da perspectiva, cria a ilusão tridimensional, como se a figura central fosse uma escultura, com um apoio em forma de

concha e com o uso dos tons cinzentos evocando a pedra, matéria-prima da arte escultórica clássica. A lúdica impressão de uma janela provocada em quem sobe a escada é reforçada pela presença na pintura de um gradil apoiado em duas colunas que evocam a arquitetura de ferro presente em toda a praça da Liberdade em seu momento inicial. Com uma tonalidade dourado-avermelhada, a estrutura que representa o gradil apóia-se em um parapeito e é encimada por um coroaamento composto por arabescos servindo de base a uma fonte ladeada por dois golfinhos.

Do lado oposto, o vitral que cobre uma janela real ilumina o afresco, a janela fictícia, com a luz da manhã. A decoração colorida do vitral traz, na forma da rosácea, uma representação do sol, cujo calor fecunda a terra, possibilitando seu cultivo.

Manifestando a arte eclética, com inspiração greco-romana, os motivos escolhidos também reiteram o momento de sua criação. Assim como a atividade agrícola merece uma das poucas especializações do serviço administrativo (distinguindo, nos outros prédios, a Fazenda e o Interior), a maneira como é alegorizada reforça sua importância como sustentáculo da riqueza que comanda a



vida dos cidadãos da época. Esse cotidiano é alimentado por ideais republicanos, laicos e positivistas e por um programa artístico que privilegia o realismo e o parnasianismo literários.

Os modelos grego (gerador da democracia) e romano (instituidor da república) são generosamente reproduzidos no imaginário cunhado pela arte oficializada para o desfrute da população da nova capital de um dos estados mais importantes da federação.

No panteão da antiguidade, Deméter, na versão grega, e Ceres, sua correspondente romana, reinam sobre o mundo agrícola. Levam, portanto, o corpo feminino a simbolizar o culto à Mãe Terra, cujos frutos alimentam a humanidade. A cornucópia é outro símbolo que a acompanha, representando a fartura vinda do cultivo que segue a observação dos astros que determinam a mudança das estações. Assim, uma alegoria da agricultura mostrada por Cesare Ripa mostra o corpo de uma mulher de vestes verdes empunhando um arbusto e um zodíaco, tendo um arado a seus pés.

A homenagem à agricultura no prédio do Iepha utiliza o busto da deusa (personificação da Terra) iluminado pelo sol filtrado pelo vitral à sua frente e sustentado por uma concha, elemento iconograficamente ligado à evocação da água, também insinuada na imagem dos golfinhos que sustentam a pequena fonte que arremata a moldura da pretensa janela sobre a falsa estátua. À sua volta, erguendo-se no ar,

em torno dos pilares de ferro, arabescos compostos por ramos de café e fumo, entrelaçados, reproduzem as flores e folhas próprios de dois produtos nobres da terra mineira, não por acaso presentes no brasão da república brasileira.

Durante anos oculto sob uma camada de tinta, o afresco que hoje faz parte do cotidiano de servidores e visitantes do Iepha testemunha não só uma competente expressão artística, colocada em segundo plano pela estética modernista, como nos narra um momento importante da história de Minas. História que se renova com a destinação do prédio ao futuro Museu do Homem, no qual a ligação do homem mineiro com a Terra permanecerá lembrada.

Para saber mais:

HANSEN, João Adolfo Hansen. Alegoria. São Paulo: Hedra, 2006.

RIPA, Cesare. <http://emblem.libraries.psu.edu/Ripa/Images/ripa00i.htm>

* FONTE: Professor Renato César José de Souza - arquiteto e diretor de Conservação e Restauração do Iepha/MG